



Revista Filosofia Capital
ISSN 1982 6613

Vol. 3, Edição 6, Ano 2008.

A CRISE DA CULTURA BRASILEIRA E O PAPEL ATUAL DA FILOSOFIA

Renato Nunes Bittencourt
apolo.dioniso@hotmail.com

Rio de Janeiro - RJ

2008



Renato Nunes Bittencourt¹
apolo.dioniso@hotmail.com

RESUMO: A proposta deste artigo consiste em demonstrar os benefícios que o ensino de Filosofia para jovens pode ofertar na formação cultural destes, concedendo-lhes instrumentos para que venham a desenvolver uma postura crítica perante a realidade e a ordem social vigente. Pretende-se argumentar que o ato de filosofar não é exclusividade de uma classe de seres humanos amadurecidos, conforme alguns núcleos conservadores do pensamento filosófico tendem a considerar.

Palavras-chave: Educação – Política – Crítica social.

Introdução

Ao longo da história da educação brasileira de nível superior, as atividades filosóficas se caracterizam pela reconhecida qualidade de suas pesquisas e pela consistência das obras intelectuais de seus autores, fato este que permite para alguns filósofos acadêmicos brasileiros a inserção de suas teorias no cenário de debate filosófico em um âmbito internacional, em virtude de suas grandes contribuições em prol do desenvolvimento da cultura, do conhecimento intelectual e da crítica dos valores estabelecidos. Há que se destacar que tais realizações ocorreram a despeito das intempéries políticas que, não raro, prejudicaram em algumas circunstâncias o desenvolvimento adequado das nossas atividades filosóficas.²

Todavia, devemos considerar que, se porventura no Ensino Superior Brasileiro o estudo de Filosofia progressivamente se desenvolve em pesquisas, especializações e atividades afins, além de razoável interesse de uma grande quantidade de estudantes em cursar esta graduação, tal situação, infelizmente, não se reflete em nossas instituições de Ensino Médio, caracterizado ao longo da história

¹ Doutorando em Filosofia do PPGF-UFRJ. Professor do Departamento de Filosofia do Colégio Pedro II/Bolsista do CNPq

² Um exemplo que podemos conceder: as interferências no âmbito da educação e da cultura motivadas na sociedade brasileira no período da ditadura militar, através da censura e da perseguição política contra as personalidades que contestavam a ordem vigente.



da educação brasileira por sua instabilidade e extrema maleabilidade curricular. Afinal, é prática comum o ato de se manipular constantemente as estruturas pedagógicas de acordo com a situação política vigente no Brasil, como modo de se adequar a formação cultural da juventude aos interesses e ideais do poder instituído. Inserido nesse palco de transformações e disputas, o ensino de Filosofia direcionado para os jovens no Brasil certamente foi um dos eixos educacionais mais prejudicados, recebendo escassa consideração e importância nas avaliações pedagógicas oficiais, nas estruturas curriculares e mesmo por determinados segmentos sociais ao longo de nossa conturbada formação cultural e política.

Podemos comprovar, de acordo com a situação prática de nossa educação nacional, que poucas instituições de ensino no Brasil concedem ao estudo da disciplina de Filosofia o destaque e a autonomia adequados para a criação e desenvolvimento de uma estrutura que favoreça o exercício do pensamento entre os jovens. Essa situação de declínio cultural motiva, conseguinte, uma estagnação da afirmação da capacidade criativa do ato de pensar, além da exclusão considerável de uma grande quantidade de jovens em estado efervescente de formação existencial, intelectual e cultural, na plena possibilidade de se posicionarem de modo crítico perante as polêmicas questões cotidianas do mundo circundante e da vida. Afinal, constata-se claramente que apenas uma pequena parcela da grande massa dos estudantes brasileiros tem acesso a um ensino de Filosofia efetivamente respeitado pela estrutura curricular da instituição educacional da qual fazem parte. Nessas condições, as atividades filosóficas de qualidade adequada no Ensino Médio sofrem o grande risco cada vez maior de se restringirem apenas para o usufruto de uma quantidade seleta de estudantes contemplados com essa dádiva intelectual.

No decorrer deste escrito, pretendo abordar o panorama no qual se encontra o ensino de Filosofia no Brasil, sobretudo na formação estudantil dos jovens, e sua relação imediata com a nossa sociedade contemporânea caracterizada pelo tecnicismo informativo, defendendo então a hipótese de que alguns de seus segmentos sofrem um processo de contínua degradação cultural, situação motivada principalmente por uma série de influências maléficas de meios tendenciosamente contrários ao



desenvolvimento de seres humanos conscientes e críticos, capacitados a transformarem a situação de decadência existencial e cultural dos “tempos pós-modernos”. Analisemos então os interesses ocultos dessas estruturas em manter os seres humanos na esfera da alienação existencial e intelectual e os esforços que devem ser praticados pelos educadores de Filosofia para que se possa favorecer o desenvolvimento de indivíduos livres e conscientes das suas potencialidades criativas.

Filosofia e cultura na sociedade brasileira

Infelizmente, apesar dos grandes nomes que legou para a cultura universal no âmbito da literatura, o Brasil não possui, contraditoriamente, uma população majoritária de leitores, de indivíduos plenamente habituados ao cultivo da língua nacional e da benéfica prática da leitura de obras que favorecem, de modo indubitável, o desenvolvimento da criatividade de idéias e do senso crítico na consciência individual. Por conseguinte, a investigação filosófica também acaba por ser prejudicada, pois, pelo fato de ser caracteristicamente uma atividade que requer, por parte do pesquisador, leitura e reflexão, questionamento e indagação, paciência e grande dedicação, seu fluxo, conseqüentemente, se compromete sensivelmente.

Devemos ressaltar que não é apenas a leitura e o estudo rigoroso de um texto que possibilita a formação singular do filósofo, mas, principalmente, a possibilidade de diálogo que deve existir com as idéias contidas na obra estudada, através da problematização desta em prol da criação de novos conceitos, novas visões e interpretações sobre uma dada situação ou questão que, na atividade filosófica, não se esgota ou se encerra como se fosse um fato inquestionável. Afinal, no desenvolvimento de uma reflexão filosófica autêntica, todos os conceitos devem estar em permanente revisão, atividade que se perpetua por meio da criatividade e da inovação por parte dos seus abordadores, que fazem do ofício filosófico uma atividade extemporânea.

Entretanto, diversos núcleos da sociedade brasileira atual de nossa decadente “pós-modernidade” se caracterizam pela desvalorização do ato de se pensar e de se questionar problemas acerca da ordem corriqueira da realidade, motivados, certamente, por uma perspectiva conservadora,



temerosa crescimento da conscientização política dos estudantes, conforme a recente história do Brasil nos prova, ou, ainda mesmo, por um puro comodismo intelectual de alguns indivíduos, que valorizam o ato de se perseverar na afirmação de lugares comuns, ao invés de desenvolvem uma busca constante pelo ato de pensar criticamente. Esta última peculiaridade, por sinal, não deixa de estar vinculada com essas camadas conservadoras da sociedade que, no anseio de manter as frágeis bases da nossa impotente ordem estabelecida, desenvolvem meios concretos para que se possa anular o poder do senso crítico da sociedade, em prol da continuidade da alienação e da mediocridade entre seus membros. Para grande infortúnio da saúde de nossa cultura autêntica, uma elevada quantidade de indivíduos sofre de uma espécie de distúrbio intelectual crônico, que se manifesta objetivamente na tendência cada vez maior de se considerar o ato do pensamento como cansativo ou sem propósito, pois, nessa concepção, seria muito mais vantajoso para o indivíduo o desenvolvimento de atividades que supostamente lhe proporcionem um retorno financeiro imediato, do que direcionar as suas capacidades de pensamento para a reflexão, considerado nessa concepção obtusa como uma mera perda de tempo.

Uma situação muito comum na sociedade brasileira reside no fato de um estudante, no período relativo ao tempo da prestação dos exames de vestibular, preferir realizar esse concurso ansiando pela sua admissão em uma graduação que, conforme a sua crença, possibilitará em curto prazo o seu enriquecimento, obtenção de sucesso pessoal, respeito e reconhecimento perante o seu círculo social, ainda que essa graduação não seja do seu pleno agrado existencial e cognitivo. Desse modo, esse indivíduo se torna um ser de adaptação radical a um sistema epistêmico que muitas vezes o desagrada afetivamente, mas que, em nome da realização de seu obtuso objetivo material, vê-se na obrigação de seguir. Nessas circunstâncias, esse indivíduo se caracteriza por negar as suas aptidões pessoais e sua visão de mundo pessoal, em prol da adequação de seu potencial a um espírito terrivelmente pragmático, vendendo o seu ideal de felicidade pela promessa, muitas vezes não concretizada, de obter a completa realização dos seus desejos materiais, cursando uma graduação que, geralmente, não se identifica com os seus mais recônditos anseios existenciais.



Em vista das circunstâncias apresentadas, pensemos nas dificuldades sofridas pelos jovens brasileiros quando estes se inserem no mercado de trabalho nos tempos atuais em nossa sociedade tecnicista, devido aos altos índices de desemprego que assolam as classes trabalhadoras. Pensemos ainda na quantidade de jovens que desistem de freqüentar determinados cursos de graduação no momento em que adquirem ciência do quadro da supersaturação de profissionais nos principais ramos no mercado de trabalho. Esses jovens, portanto, diversas vezes preferem adequar as suas perspectivas existenciais aos planos econômicos, e não os planos econômicos às diretrizes de suas perspectivas intrínsecas, motivados por um desejo muitas vezes insustentável de se alcançar a tão sonhada prosperidade material de modo imediato, o que, de acordo com o conhecimento da vida prática, é uma mera ilusão.

As intempéries do pensamento crítico

A mídia corporativa, de um modo geral, também pode ser considerada como uma das responsáveis pela estagnação do pensamento na era contemporânea em diversos segmentos sociais, uma vez que ela não favorece o desenvolvimento das capacidades de questionamento, de reflexão e de crítica nos indivíduos. Pelo contrário, a mídia corporativa se caracteriza por estimular os jovens a adotarem uma postura desvinculada do mundo da vida, “descansada”, despreocupada e incapacitada de procurar alternativas para se solucionar efetivamente problemas sociais, criticar a ordem vigente do mundo, dentre outras possibilidades. Por meio de seu espírito informativo inconsistente, a mídia pretende substituir a boa argumentação, concisa, bem estruturada, por uma espécie de “pensamento leve”, ou seja, destituído de profundidade intelectual, incapaz de resistir quando confrontado com os discursos pautados no bom exercício do ato de pensar de modo crítico e ponderado.

Inclusive, podemos utilizar o exemplo histórico de Friedrich Nietzsche que, quando jovem professor universitário nos idos de 1870, realizava diversas objeções ao modo de produção de conhecimentos e a conseqüente qualidade de informações que ele denominava por “cultura jornalística”. Este tipo de produção intelectual se pautava meramente no grande anseio de se acumular



informações diversas, na supersaturação de conhecimentos, os quais, no entanto, analisados criticamente, demonstrar-se-iam absolutamente superficiais, repletos de lugares comuns e desenvolvidos de tal modo que fossem facilmente digeridos por seus “consumidores”, sem que ao menos se exercitasse a reflexão e o senso crítico dos leitores e dos estudantes. Essa produção degenerada, portanto, não propunha o desenvolvimento efetivo do pensamento, pautando-se tão somente na enunciação de inconsistentes “pontos de vista”, que poderiam ser assimilados de modo passivo pelo estudante/leitor.³ Podemos perfeitamente aproveitar as críticas de Nietzsche realizadas contra esse modelo de transmissão de informações nos tempos atuais, acerca da mídia e seus gêneros vazios de conteúdo. Nessa concepção, o “amor pelo saber”, pautado pela reflexão rigorosa, pela dedicação, se torna “amor pela opinião”, ou seja, uma vulgar “filodoxia”, uma frágil associação heteróclita de opiniões esparsas e incoerentes em que se repete continuamente o discurso banal do senso comum. Desse modo, os jovens, submetidos desde o período da infância aos parâmetros normativos de tal padrão de transmissão de cultura, ao invés de obterem uma educação consistente que forneça a formação de uma sociedade educada na valorização da autonomia de pensamento, se vêem obrigados a adequar os seus potenciais culturais e intelectuais a fins imediatos, os quais, momentaneamente, podem satisfazer os seus anseios pessoais, mas, ao longo do tempo, motivam a tristeza e a decadência de toda uma ordem de pensamento, distorcida por fatores externos medíocres. Conforme essas circunstâncias, Nietzsche dizia que “o jornalista”, o senhor do momento, toma o lugar do grande gênio, do guia estabelecido para sempre.⁴

O conhecimento jamais deve ser tratado como uma espécie de conteúdo lançado ao vazio, mas sim um grandioso recurso para que o ser humano possa vir a afirmar a sua existência, um tônico existencial para que se amplie a sua potência de agir no mundo através da criação de valores. Portanto, nesta perspectiva, não se considera o conhecimento um conjunto de saberes de cunho meramente teóricos, que simplesmente preenchem a mente daquele que se dedica ao estudo, tal como um banco no qual se depositam informações, concedendo ao educando uma erudição vazia, desprovido de um

³ NIETZSCHE. “Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino”, In: *Escritos sobre Educação*, p.54.

⁴ NIETZSCHE. “Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino”, In: *Escritos sobre Educação*, p. 65.



sentimento de afirmação, de uma paixão que motive a sua ação interativa com o mundo. É importante ressaltarmos as críticas feitas por Paulo Freire a esse modelo pedagógico baseado não na reflexão ou problematização de temas, mas no acúmulo insano de informações, denominada pelo célebre educador como “concepção bancária da educação”. Vejamos uma das suas colocações acerca desse modelo obtuso e alienante:

Quanto mais se exercitem os educandos no arquivamento dos depósitos que lhes são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores dele. Como sujeitos [...]. Na medida em que essa ‘visão bancária’ anula o poder criador dos educandos ou o minimiza, estimulando sua ingenuidade e não sua criticidade satisfaz aos interesses dos opressores (Cf. FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*, cap. II, p. 68-69.)

Nos tempos atuais, ao refletirem sobre a situação na qual a Filosofia se encontra na sociedade globalizada, a qual, apesar de sua interligação dos meios de comunicação, se torna cada vez menos crítica e cada vez mais arraigada nos pré-conceitos do senso comum, Alejandro Cerletti e Walter Kohan detectam o mal-estar causado pela atividade filosófica, afirmando que, de acordo com a visão de mundo dessa sociedade,

A intervenção esforçada do pensamento carece da frescura do discurso publicitário ou da vertiginosa imagem do video-clipe. A filosofia não é sedutora em nossos tempos. Pelo contrário, parece um estorvo pouco prático. Não nos garante a felicidade ou a solução rápida de nossos problemas, e sim, muitas vezes, costuma colocar novas questões, talvez mais complexas e profundas. Que sentido tem hoje complicar a vida quando tudo nos é oferecido de forma direta e espetacular? O impacto imediato da imagem torna obsoleta e aborrecida a intervenção imediata da reflexão. E, o que é pior, tudo que não tenha um lucro imediato termina sendo uma irremediável perda de tempo (CERLETTI, Alejandro & KOHAN, Walter. *A Filosofia no Ensino Médio*, p.46)

Os referidos pesquisadores detectam um problema grave na sociedade de massa contemporânea, precisamente a perda progressiva da capacidade de se pensar em prol do abuso de recursos informativos prontos, aceitos de modo passivo pela coletividade social. Em diversas circunstâncias, quando a mídia corporativa mobiliza o povo para que sejam realizadas grandes manifestações públicas, tal evento certamente decorre porque os seus interesses ou mesmo os de terceiros estão sendo prejudicado por algum “fato misterioso”, de modo que ela se proponha a açular



demagógicamente as massas, com o objetivo de alcançar a transformação de uma situação social que porventura esteja desfavorecendo a realização conveniente dos seus interesses obscuros e mesquinhos.

Numa sociedade mega-hedonista em que a exposição da imagem possui mais força expressiva, retórica persuasiva, impacto afetivo e importância existencial do que o pensamento crítico, a mídia corporativa consegue estender o seu império ideológico sobre uma massa amorfa que se deixa seduzir por uma falsa beleza vendida em fotos, jornais, revistas e programas de televisão, os quais, considerados em si mesmos podem ser imputados como “bons”, sendo então o seu uso distorcido e inadequado que acaba por lhes conceder a aura negativa de instrumentos de manipulação, sedução afetiva e alienação intelectual. Talvez o pior aspecto dessa situação consista no fato de que o espectador acredita ter o poder de compartilhar e mesmo co-vivenciar as experiências com seus ídolos da televisão ou das revistas desse mundo imagético, desprovido de profundidade cultural e totalmente ilusório, pois as informações transmitidas pelos aparatos da mídia corporativa são apenas simulacros da realidade concreta.

Vivendo no efêmero e abobalhado mundo de fantasias, no qual o comportamento e o pensamento das massas são sutilmente manipulados pelos instrumentos persuasivos da mídia corporativa, esse indivíduo se aliena de suas próprias potencialidades pessoais, gostos estéticos e anseios existenciais, em prol da adequação de seu modo de ser aos valores coercitivos de um padrão externo repressor daquilo que se considera como “fora de moda”, desatualizado. A pessoa, nessa concepção, deve apreciar determinado sistema de gosto, ouvir um estilo de música no qual muitos fingem ou acreditam se interessar (geralmente de péssima qualidade estética), ler textos de conteúdo literário muito pobre e fútil, desejar um belo corpo, criado nas salas de cirurgia e enxertado com altas doses de silicone, dentre outras anomalias culturais, para que se possa obter a aceitação moral de determinados círculos sociais.

Pierre Bourdieu, ao detectar o malefício ocasionado por um dos elementos que instiga severamente a degradação daquilo que denominamos atualmente como “cultura pós-moderna”, a televisão, realiza uma importante crítica ao sistema baseado na perda da autenticidade criativa do



indivíduo consumidor:

A televisão regida pelo índice de audiência contribui para exercer sobre o consumidor supostamente livre e esclarecido as pressões do mercado, que não tem nada de expressão democrática de uma opinião coletiva esclarecida, racional, de uma razão pública, como querem fazer crer os demagogos cínicos (BOURDIEU, Pierre. *Sobre a Televisão*, p.96)

A despeito de enunciar juízos de valor acerca de questões metafísicas tradicionais, considero que existe atualmente uma espécie de metafísica, de nascimento talvez um tanto recente, que podemos considerar como extremante prejudicial ao livre desenvolvimento das capacidades criativas do ser humano em nossa dinâmica existencial da dita “pós-modernidade”, pois tal dispositivo normativo pretende submetê-lo ao seu sufocante poder de influência: trata-se da “Metafísica da Moda”, que se caracterizaria justamente pela pretensão de impor um determinado padrão estético ao consumidor, que manifesta, de modo muito comum, com a adoção de atitudes e comportamentos característicos de uma pessoa desprovida de senso crítico, aceitando passivamente diversas determinações consumistas de ordem externa. No entanto, esse modelo de indivíduo, acrítico e alienado, acredita que esse conjunto de atitudes se fundamenta em um ato de livre vontade de sua parte, consciente e seletivo. Em verdade, impera nas suas escolhas e decisões existenciais disposições heterônomas. Essa referida “Metafísica da Moda”, que é uma espécie de disposição moral secularizada, se caracteriza ainda por se manifestar nos seus meios de expressão como uma instância terrivelmente falaciosa, pelo fato de fazer com que esse indivíduo venha a acreditar que ele próprio determina e projeta as suas ações no mundo, através do consumo de certos produtos, da adoção de comportamentos e perspectivas que não constituem o seu genuíno modo de ser, pois esses padrões são absolutamente impostos na sua vida cotidiana, ou seja, são externos aos valores instituídos por sua própria singularidade, sendo, assim heterônomos em relação aos princípios éticos das suas valorações existenciais. Decerto, o temor pela reflexão filosófica e sua prática efetiva no plano concreto reside no seu caráter marcado pelo questionamento e contestação dessa mediocridade cultural vigente, na qual, em detrimento dos grandes criadores de valores, que ainda conseguem sobreviver intelectualmente nesse turbulento período de globalização superficial de informações, se concede amplo destaque para os produtores dos resíduos culturais, os



quais progressivamente inserem na sociedade de consumo as suas criações degradadas, na medida em que a demanda por parte do público consumidor recebe de bom grado esse conjunto de informações, de padrões e estilos artificiais, caracteristicamente de péssima qualidade técnica e estética.

O desafio de se pensar filosoficamente a cultura social de nossos tempos, reside, sobretudo, nesse embate travado contra as determinações impostas pela ordem de mercado, que em nome da realização de interesses mesquinhos promove a degradação de nossos valores culturais, a absurda exaltação da mediocridade pessoal, da ignorância, da comercialização e da circulação globalizada de informações inócuas, elementos que de modo algum são realizados em prol da promoção efetiva do conhecimento, da reflexão, da crítica, do apuramento da sensibilidade e do gosto estético do indivíduo, além de uma compreensão desprovida de preconceitos acerca dos problemas que constituem a ordem cotidiana do mundo atual. Ao contrário, vemos muitos indivíduos, em especial os jovens dessa era de incerteza, se tornando não indivíduos potencialmente capazes de desenvolverem o ato de pensar através da autonomia e da segurança intelectual, mas sim, propagadores das absurdas opiniões emitidas por terceiros, pensamentos inseridos inconscientemente nas suas faculdades mentais como se porventura fossem idéias desenvolvidas por eles próprios.

O indivíduo, ao perder a capacidade de interagir no cotidiano de acordo com suas perspectivas de pensamento diante do mundo social, aliena-se da atividade reflexiva, marcada por um relativo esforço intelectual; entretanto, este é um saudável exercício para aquele que obtém satisfação pelo ato de pensar, para aquele se interessa em praticar essa tendência afirmativa de todos os modos, pois oferta como resultado a independência intelectual e afetiva do indivíduo sobre os dejetos de uma cultura massificada, que produz informações e conhecimentos para mera promoção da decadência do saber, através da fragmentação do senso crítico e do gosto de pensar por parte dos seres humanos que valorizam a formação de uma produção cultural autêntica, legítima, criada para a promoção do saber e da elevação intelectual humana e da sua aplicação na ordem social.

Como contraponto a esse modelo informativo de cunho tecnicista que se desenvolve de modo voraz em nossa “idade pós-moderna”, cabe pensarmos no modelo de filósofo que Platão enuncia



no livro VII da *República*, na célebre “alegoria da caverna”, que pode ser interpretada como o processo de formação do homem que, uma vez conhecedor da “essência da verdade”, pela oportunidade de tê-la contemplado por um doloroso exercício de investigação e questionamento de uma realidade que se pautava somente nas aparências externas das coisas, não guarda essa verdade egoisticamente para si, mas se propõe altruisticamente e heroicamente a divulgar aos seus companheiros que ainda estão inseridos nas trevas da ignorância e da falta de questionamento, aquilo que ele teve acesso por ato de seu esforço em se libertar das antigas opiniões ilusórias arraigadas. A despeito de considerações sobre o valor de uma verdade eterna e da possibilidade do homem vir a alcançá-la, podemos considerar que Platão propõe um tema interessante no âmbito da prática educativa, que seria a superação do conhecimento parcial dos objetos e da realidade, através da rigorosa investigação filosófica, na transição da opinião para o conhecimento veraz.⁵ O filósofo comprometido com a divulgação da verdade, de acordo com a perspectiva platônica, ainda que viva constantemente sob o risco de sofrer retaliações por parte daqueles que não estão interessados na revelação do saber e do conhecimento, não se submete de modo algum aos ditames autoritários e obscurantistas. O autêntico filósofo vislumbra sempre o desenvolvimento de meios capazes de possibilitar a efetiva superação das limitações intelectuais de seu círculo social, mesclando a teoria filosófica com a sua prática ética, difundindo aos seus pares o conhecimento que ele desvelou através de seu profundo esforço pessoal em superar as superstições e a ignorância legitimada pela própria ordem política caracterizada pela manutenção constante da alienação coletiva. Um Estado repressor da singularidade individual jamais vê com bons olhos o “filósofo intempestivo”, que se posiciona radicalmente contra os valores hegemônicos do seu próprio tempo e denuncia aos seus interlocutores o caminho equivocado que esses seguem cegamente, como um rebanho no qual o próprio pastor perdeu o seu rumo original. Nessas condições, Nietzsche salienta que

Em todo lugar onde houve poderosas sociedades, governos, religiões, opiniões públicas, em suma, em todo lugar onde houve tirania, execrou-se o filósofo solitário, pois a filosofia oferece ao homem um asilo onde nenhum tirano pode penetrar. A caverna da interioridade, o labirinto do coração: e

⁵ Para uma leitura mais detalhada do tema apresentado, Cf. PLATÃO. *A República*, VII, 514a -517b.



De certa maneira, podemos considerar que vivemos um momento precioso, no qual a Filosofia e as atividades culturais no Brasil não sofrem mais dos malefícios das violentas perseguições realizadas por parte de um governo autoritário como outrora, caracterizado por torturar e mesmo extinguir a vida daqueles que manifestassem uma ordem de pensamento contrária ao regime tirânico. No entanto, conforme vimos, o ensino filosófico brasileiro sofre de uma “perseguição” diferente, capitaneada agora pelos instrumentos da mídia corporativa, a qual, na tentativa de exercer sobre o senso comum o seu terrível domínio ideológico, elimina dos seus meios de expressão o espaço para a reflexão e o diálogo saudável entre a multiplicidade de perspectivas intelectuais. Mesmo quando o poder midiático concede um lugar de destaque para o pensamento filosófico nas suas atividades programáticas, o tempo oferecido geralmente é demasiado curto, impossibilitando assim um aprofundamento maior de questões relevantes para o ato de filosofar.⁶

Inclusive, como denúncia desse momento problemático de nossa cultura, há que se ressaltar que não apenas a Filosofia, mas o próprio estudo da Língua Portuguesa e da Literatura, inseridas nesse processo de alienação cultural, perdem progressivamente a importância de direito em nossas instituições de ensino, circunstância que revela o projeto de supressão da capacidade de leitura da língua pátria e do estudo da sua estrutura semântica. Basta lembrar uma proposta absurda de se retirar o ensino de Literatura Brasileira de algumas escolas públicas do Estado do Rio de Janeiro, para que se introduzisse novamente o ensino de Religião para os jovens destas instituições, o que se revelaria como uma atitude anacrônica, antidemocrática e terrivelmente oportunista.

Vejamos os motivos:

⁶ Podemos utilizar como exemplo para o caso citado as intervenções de Viviane Mosé e Eduardo Gianetti em quadros no programa dominical *Fantástico*, da TV Globo, em que os pensadores apresentavam problemas filosóficos de valiosa relevância não apenas para os entendidos de Filosofia, mas também a coletividade social como um todo. Contudo, em decorrência dos objetivos comerciais da emissora, a impressão que ficava é que as questões colocadas pelos pensadores mereciam uma maior amplitude reflexiva e expositiva, obviamente não por causa de incompetência deles, pois que são profissionais extremamente competentes, mas pela escassez de tempo oferecido pela emissora para a realização conveniente do projeto de inserir o pensamento filosófico nas noites dominicais de sua programação.



1. Anacrônica, pelo fato de nosso Estado ser laico, somado ao fato de que estar-se-ia novamente adotando um elemento de uma estrutura curricular absolutamente ultrapassada pelas teorias educacionais mais progressistas. Tanto pior, o ensino de religião é realizado de forma catequética, situação que exerceria um efeito moralizante sobre a subjetividade do estudante.
2. Antidemocrática, pois, por mais que se fizesse acreditar, aos olhos da sociedade, que estudantes adeptos de diversas religiões seriam contemplados com essa medida, estudando os fundamentos religiosos de suas respectivas religiões, na verdade ensinar-se-ia os valores destas determinadas religiões através de uma perspectiva absolutamente arbitrária por parte dos “sacerdotes” vinculados ao governo, minando assim a autêntica tolerância religiosa que deveria reinar entre os indivíduos.
3. Oportunista, pois seria uma maneira de fornecer um cabedal de empregos para os profissionais associados ao sistema burocrático governamental, os quais, necessariamente, não precisariam estar vinculados efetivamente ao sistema educacional de nossa sociedade. Em suma, as disciplinas que estimulam os jovens a conhecer e compreender o processo de formação de nossa própria história cultural, as obras de nossos autores, causam um desconforto em alguns segmentos políticos ou estruturas de poder, posto que, em determinadas circunstâncias, nossa estrutura social demonstra a pretensão de formar somente homens para o mercado de trabalho, despreparados e alienados, para que melhor possam se submeter ao sistema social vigente. O exercício constante da leitura de textos conduz ao pensar; este, ao ato de refletir, de questionar, algo certamente muito ruim para o grupo político que se sustenta através da alienação coletiva.

Nessas circunstâncias, caberia certamente aos valorosos docentes, que lecionam nas instituições de ensino as disciplinas propriamente reflexivas para a formação intelectual e existencial humana, um ato de coesão em torno da causa do aprimoramento cultural dos jovens e da sociedade como um todo, tendo em vista a progressiva diminuição do índice de decadência da inteligência



coletiva que nos rodeia e que impede o autêntico progresso cultural do povo brasileiro.

Conclusão

As questões polêmicas que concernem à situação do pensamento filosófico em nossa contemporaneidade não se esgotam nos temas que brevemente foram dissertados no decorrer desta exposição, fato este que certamente necessitaria de uma série de outros encadeamentos de reflexões, com a associação de diversos outros modos de pensamento, por parte de outros autores engajados na valorização do ensino de qualidade. Considero que a Filosofia não deve ser encarada como um ramo do saber que, uma vez presente na estrutura pedagógica da instituição de ensino, mereça adquirir um destaque acima das demais no tocante à relevância e dedicação dos estudantes. As disciplinas que são ministradas em qualquer escola, em sua essência, devem ser consideradas de suma importância para a formação educacional, social, política e existencial do estudante. No entanto, creio ser necessário que se reflita no método de transmissão desses conteúdos pedagógicos, para que efetivamente os jovens tenham a possibilidade de aproveitar o máximo possível de tempo de estudo nos institutos de ensino, em prol da aquisição de instrumentos necessários para a formação de uma geração de seres conscientes, críticos, capazes de compreenderem a ordem do mundo, sem que dependam de recursos informativos superficiais, que somente promovem a afirmação de um pensamento fraco, destituído de uma substancialidade pensante e reflexiva.

Considero que seria uma dádiva sensacional para a educação brasileira se, porventura, as disciplinas ministradas nas escolas se unissem em torno de um ideal difícil, mas plenamente possível de ser realizado, o qual, na minha concepção, consistiria no aprimoramento de toda uma estrutura curricular da rede de ensino, que possibilitaria ao jovem estudante brasileiro, por sua vez, a aquisição de conteúdos pedagógicos que estimulassem o desenvolvimento de sua criatividade e capacidade de interação autônoma na realidade.

Permaneça, portanto, a esperança de que, envolvidas nesse ideal, a Filosofia e as demais disciplinas educacionais possam proporcionar a formação adequada do todo jovem consciente de seu



potencial e de suas capacidades singulares de agir no mundo da vida, em contraposição aos valores instituídos dogmaticamente pela obscurantista sociedade de informação, desfavorecendo, assim, a qualidade da produção cultural e o posicionamento questionador dos mesmos.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a Televisão*. Trad. de Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

CERLETTI, Alejandro & KOHAN, Walter Omar. *A Filosofia no Ensino Médio*. Brasília: Editora da UnB, 1999.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

NIETZSCHE, Friedrich. “Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino” / III *Consideração Intempestiva: Schopenhauer educador*, In: *Escritos sobre Educação*. Trad. de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Loyola/PUC-Rio, 2003.

PLATÃO. *A República*. Trad. de Carlos Alberto Nunes. Belém: Ed. da UFPA, 2000.